

POEMAS DE JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO

SETE IRMÃS

Para Remedios Varo

Essas sete musas mal-assombradas
de cabeleiras ruivas, encardidas,
são santas de bocetas encarnadas,
trazem entre as mãos minhas sete vidas.

As cabeleiras ruivas dessas musas
são trepadeiras místicas em rito,
um anelo claro como um oráculo
a escalar as formas breves do mito.

São sete noites vividas por Borges,
são sete fadas da ilha de Lesbos,
são sete acordes de Joaquin Rodrigo,
são sete facas de Aderaldo, o Cego.

Ah minhas sete irmãs, filhas de Safo,
lamber vossos cus é meu paraíso!
A plenitude de vossas entranhas
é o aconchego destes meus delírios.

Sete musas grávidas, musas graves,
a gravidade não pesa no abrigo.
A minha voz é um caminho cego
como Borges, Aderaldo e Rodrigo.

Ah minhas sete irmãzinhas serenas,
vamos jogar enquanto há tabuleiro,

sete damas-rainhas, sete Helenas,
sou vosso servo, vosso cavaleiro.

Musas oblongas, ventres salientes,
em vossas carnes quentes eu reparo,
de fora a fora, com prazer e encanto,
as sete faces de Remedios Varo.

ROSEIRA

Quanto pode durar a planta breve?
Da pétala à cabeça – a extensão:
um verão de calipíguas mulheres,
rosas rubras que despertam prazeres.

Espinhos, espalhadas folhas cantam,
cantam e atravessam, de ponta a ponta,
as pedras das linhas duras do sonho.
Dentro, as mulheres, rosas escandidas.

As mulheres respondem com o orvalho
e caminham, de saltos altos, por
cima e saltam, inocentes, a morte.

E recebem obeliscos linheiros
e cantam os gemidos espondeus
e florescem nas formas da beleza.

INVENÇÃO DA POESIA

Para Gerardo Mello Mourão

Pele vestida, distribuída e refeita,
parto para o princípio do labirinto.

Parto e principio o labirinto.
Na sua duração se abre o círculo
do espanto.
(Onde o centro? Que duração?).

Musa, teu vestido tem os novelos
da formosura!

O partir desenrola a ausência
e a pausa para o instante se cumpre.
De meu bergantim de ouro eu te informo
um sorriso.

Musa, é sempre a plena estrela
que tem a cauda dos rouxinóis
e que traz a curva da tua sombra.
Em teu ponto começa a extensão do mar,
e teu ponto guarda o profundo início.

E parto,
que a peripécia não é chegar,
que o coração só tem um fim:
ao som do coro das sereias
cantar o ciclo da origem.

CANIBAL

Bota a comida no fogo e deixe
que os aromas das carnes recendam,
deixe as carnes mugirem, balirem,
chiarem no delírio das brasas.
Que o cheiro das picanhas e dos pernis
despertem os rios de minha boca!
Bota logo a comida na mesa e deixe
que eu louve, no ritmo da arcada, as delícias das carnes.

E olharei em teus olhos e sentirei as tuas carnes,
as tuas carnes que vibram por meus caninos afiados.

ROSEIRAL

Este roseiral vem pelos ares.
Suas cores, nas tintas da chuva
e no canto dos raios solares.

Matizes da terra batizada
surgem nas rosas em carne viva,
como sangue, seiva, sêmen, lágrimas.

É, sim, o jardim da imensidão.
São tão magníficas suas flores
que o vermelho coroa a visão.

JOSÉ INÁCIO VIEIRA DE MELO (Alagoas/Bahia) - Poeta e Jornalista. Coordenador e curador de vários eventos literários na Bahia, como a Praça de Cordel e Poesia na 9ª Bienal do Livro da Bahia (2009). Publicou, entre outros, *A terceira romaria* (Salvador: Aboio Livre Edições, 2005) – Prêmio Capital Nacional de Literatura 2005, e *A infância do Centauro* (São Paulo: Escrituras Editora, 2007). Os poemas acima fazem parte do livro inédito *Roseiral*, um dos vencedores do prêmio da Fundação Pedro Calmon, da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, a ser publicado pela Escrituras Editora.